

---

# **terra roxa**

## **e outras terras**

Revista de Estudos Literários

---

### APRESENTAÇÃO

Mantendo a abertura para as possibilidades diversas de abordagem do objeto literário, o volume 28 da revista Terra Roxa e Outras Terras é dedicado às relações entre jornalismo e literatura. Os textos reunidos exploram diálogos, intercâmbios, aproximações e distanciamentos entre a literatura e o jornalismo tanto nas letras nacionais quanto nas estrangeiras.

A comunicação entre literatura e jornalismo vem de longa data e constitui, ainda hoje, um assunto de relevância inegável no âmbito da cultura. Tendo como meio comum a palavra, a língua, literatura e jornalismo, embora ocupem espaços diferentes, têm, no decorrer da história, mantido um frutífero diálogo, que só faz mostrar a relação de interdependência entre ambos.

Se literatura e jornalismo não se confundem, pois de fato não são a mesma coisa, eles não deixam de caminhar numa certa proximidade, que vai muito além de ocorrências mais superficiais, como o fato de muitos escritores serem também jornalistas, e vice-versa, ou ainda da literatura adentrar pelo espaço do jornal e nele ser publicada, como acontecia comumente no século XIX, quando romances, contos, poemas e crônicas, por exemplo, ocupavam os rodapés dos jornais.

Ao contrário, o intercâmbio ocorre de forma mais profícua no âmbito da própria linguagem, quando técnicas e procedimentos característicos de uma mídia são trocados, incorporados ou reinventados pela outra, sendo a crônica - esse gênero híbrido, mescla feliz de literatura e jornalismo - um caso exemplar dessa interface. São dessas e de outras muitas questões relacionadas ao diálogo entre literatura e jornalismo que tratam os dez artigos que compõem o volume 28 da Revista Terra Roxa e Outras Terras.

“Breves anotações para uma história da imprensa no Brasil – o circuito editorial de Carolina de Jesus” aborda as relações entre literatura e jornalismo a partir da análise da atuação da imprensa na promoção literária de Carolina de Jesus, tanto no esforço de um reconhecimento rápido da autora, como na influência exercida no desaparecimento repentino da mesma da cena literária.

O artigo “Crônicas de salão no Brasil e na França”, ao comparar uma crônica escrita por João do Rio e outra por Marcel Proust, procura mostrar as convenções do gênero crônica de salão, gênero este bastante exercitado pelos dois autores no momento da Belle Époque.

Em “Com um mínimo de literatura: aproximações entre convenções formais do Realismo de 1930 e a imprensa contemporânea”, o intuito é discutir a permanência, na atualidade, de um forte intercâmbio entre a literatura e o jornalismo a partir da análise de um texto jornalístico da década de 1990 que incorpora convenções e procedimentos formais comuns à literatura de maior apelo social da década de 1930.

“Drummond: jornalista” discute a produção poética de Carlos Drummond de Andrade, principalmente textos de Alguma poesia e Versiprosa, a fim de observar aspectos próprios da linguagem jornalística que se infiltram pela escrita poética do escritor mineiro.

Já o artigo “O fenômeno do periódico Bulletin na literatura australiana” aponta para a forte influência que as narrativas curtas e objetivas publicadas no referido periódico, que versavam sobre assuntos diversos, tiveram na formação de um estilo próprio na literatura da Austrália, o chamado “estilo australiano”.

“O jornal no século XIX, um espaço de diálogos literários”, analisa a natureza polifônica do jornal como uma das responsáveis pelo favorecimento do diálogo entre diferentes textos, o que teria contribuído, no século XIX, para as discussões que a crítica literária travou no interior do jornal. Para mostrar esse diálogo, o artigo aborda dois textos de crítica literária publicados na imprensa paraense no século XIX.

Em “literatura e invenção no rodapé do jornal: a escrita midiática dos folhetins teatrais do século XIX”, o objetivo é mostrar como o espaço do jornal na França do século XIX proporciona diálogo e trocas entre a escrita jornalística e outras formas de escrita, o que leva à criação de uma escrita mediática que se encerra no rodapé dos jornais.

“O não-lugar da poesia em Cidade de Deus”, ao observar a predominância de uma linguagem direta, objetiva e fortemente descritiva no romance de Paulo Lins, que estaria muito próxima da linguagem jornalística, sugere um afastamento maior de uma forma propriamente poética no romance, o que o estudo vê como uma tomada de posição do texto de Lins no sentido de distanciar a violência, predominante na obra, da poesia.

“Roland Barthes segundo o jornalismo cultural” analisa a recepção crítica da obra do escritor francês no Brasil a partir dos anos de 1980 no jornal O Estado de São Paulo, cujas discussões apontam para preocupações outras que não aquelas que dominaram as críticas sobre Barthes nas três décadas anteriores e que estavam ainda muito atreladas à postura estruturalista dos textos do autor. Nas críticas mais recentes, a incompreensão e mesmo condenação do crítico presentes em outros momentos cede lugar ao elogio e Barthes passa a ser visto positivamente, como um escritor capaz de veicular ideias libertárias.

Por fim, “Sintomas do contemporâneo captados pela mediação, “etnográfica” do jornalismo literário: anotações sobre os textos de não-ficção de David Foster Wallace” , considerando o jornalismo literário um campo ambíguo e indefinido, marcado por embates e disputas, analisa três reportagens-ensaios-crônicas de viagem do escritor norte-americano David Foster Wallace, produzidas entre os anos de 1990 e o início do século XXI, no sentido de observar como, nesses textos de não-ficção, estabelecem-se as relações entre literatura, jornalismo e etnografia

Prof.ª Dr.ª Regina Célia dos Santos Alves  
(responsável pelo volume)